

Maria Teresa Brocardo

FCSH. Universidade Nova de Lisboa

Algumas notas sobre a transmissão
manuscrita da Crónica do Conde D. Pedro
de Meneses de Gomes Eanes de Zurara

A Crónica do Conde D. Pedro de Meneses¹ foi composta originalmente por Zurara entre 1458 e 1463, a mandado de Afonso V, nela se narrando os factos ocorridos em Ceuta durante os vinte e dois anos que durou a primeira capitania portuguesa daquela cidade. Constituindo, pois, cronologicamente uma continuação da Crónica da Tomada de Ceuta, como se indica expressamente no título do manuscrito que se encontra actualmente na Biblioteca da Universidade de Coimbra, "Coronica do conde dom Pedro continuada aa tomada de Çepta", dela se afasta, porém, como o próprio autor nota, ao centrar-se quase exclusivamente na figura de D. Pedro, tendo sido especialmente concebida, segundo é dito no próprio texto, (p.4 do cit. ms.) para satisfazer o desejo expresso pelo rei de que "os seus naturais ouvessem conhecimento e saber das grandes cavalarias daquele conde".

Desta Crónica, com uma única edição publicada pela primeira vez em 1792 (no Tomo II da Colleção de Livros

¹ É o título por que é geralmente conhecida, e que consta da edição adiante referida, embora seja designada de formas diferentes nos seus manuscritos.

Inéditos de História Portuguesa. Publicados de ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa por José Corrêa da Serra) conhecem-se hoje sete manuscritos, copiados entre princípios do séc.XVI e o séc.XVIII, que passarei a enumerar. Para não alongar demasiado esta exposição, referirei apenas, para cada um dos códices, além da sua localização e cota, o título ou, na ausência deste, o começo, a data calculada da cópia e algumas particularidades mais relevantes.

(A) Cronica Do conde dom pedro Continuada aa / tomada de çepta a Quall mandou ell Rey dom / Afonso quinto Deste nome E dos Reis de portu- / gall Duodeçimo. esp̄uer

Ms. nº439 da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Princípios do séc.XVI. A este códice falta a penúltima folha do texto, que foi substituída posteriormente por outra para a qual se copiou o texto em falta.

(B) Cronica dos feitos de / dom pedro prim̄o capitão / que foy na cidade de çepta.

Ms. nº146.B.7 da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa. Séc. XVI. Faltam cerca de quatro folhas, correspondentes à parte final do cap. XXXVII e ao início do cap.XXXVIII do Livro II. Termina com uma cópia de "explicit", datado de 1470, do escrivão Joam Gonçalvez. A numeração dos capítulos do Livro I só começa no lugar correspondente nos restantes manuscritos (excepto G que apresenta numeração idêntica) ao cap. III, pelo que segue atrasada duas unidades em relação àqueles.

(C) Chronica dos feitos do Conde D.Pedro / de Menezes,
Primeiro Capitam que foi / na Cidade de Cepta

Ms. nº2428 da Biblioteca Nacional de Madrid. Séc.XVII.

Não pude ainda consultar este manuscrito, sendo as indicações dadas as que se encontram em Dias Dinis. Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara. Vol.I Introdução à Crónica dos Feitos de Guiné. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1949, pp.226-227. Segundo este autor o códice contém cópia do "explicit" de Joam Gonçalves semelhante à que se encontra no manuscrito B.

(D) Começa a coronica dos grande e notaveis feitos do
illustre / e m^{te} nobre Sñor dom p^o de menezes conde de Viana
primejro / capitão governador q̄ foi na cidade de Cepta (...)

Ms. M-X-25 do Arquivo da Casa Cadaval, em Muge. Séc. XVII.

Faltam muitas folhas, que foram rasgadas, contendo o códice apenas os primeiros 57 capítulos do Livro I e os primeiros 9 do Livro II.

(E) CHRONICA. / DOS FEITOS / DO CONDE DOM PEDRO / DE MENESES
/ PRIMEIRO CAPITÃO QVE FOI NA CIDADE DE / CEPTA

Ms. M-VII-18 do Arquivo da Casa Cadaval, em Muge. Séc. XVII.

(F) COMEÇA A CRONI- / CA DOS GRANDES E NO- / TAVEES FEITOS
DO ILLUS- / RE E MVITO NOBRE SÑOR DOM / PEDRO DE MENESES
CONDE / DE VILLA REALL PRIMEI- / RO CAPITAM E GO- / VERNADOR
QVE FOY NA CI- / DADE DE CEITA (...)

Ms. nº 844 F.G. da Biblioteca Nacional de Lisboa. Séc.XVII.

(G) *Coronica / Do Conde D. Pedro de Menezes*

Ms. nº370 (vermelho) da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Séc. XVIII. Contém também cópia do referido "explicit" semelhante à que se encontra no manuscrito B, com o qual tem ainda em comum a diferente numeração dos capítulos do Livro I.

Com o intuito de poder obter, de forma não demasiado demorada, alguns dados sobre a transmissão manuscrita da Crónica e, nomeadamente, sobre as relações possíveis de estabelecer entre os testemunhos conservados, considereei "a priori" uma divisão em dois grupos, para o que me baseei exclusivamente na ocorrência em alguns dos manuscritos de cópias do "explicit" já referido de Joam Gonçalvez, por oposição aos restantes em que não consta tal "explicit". Dado que os dois testemunhos mais antigos diferem quanto a este aspecto, procedi ao seu cotejo exaustivo, tendo efectuado a colação dos restantes testemunhos, excepto C, que, como já referi, ainda não consultei e por isso não é considerado neste estudo, apenas sobre os lugares variantes encontrados neste confronto. Esta metodologia não permitirá, evidentemente, aventar hipóteses seguras sobre a filiação, a que apenas se poderá chegar através de uma colação exaustiva que considerará também as lições coincidentes de A e B quando eventualmente se oponham às de outro ou outros testemunhos, mas tornará pelo menos possível obter dados sobre o modo como as cópias mais tardias se poderão relacionar com os manuscritos cronologicamente anteriores e

apontar caminhos possíveis para futuros estudos da transmissão.

O confronto de A com B permitiu verificar que o segundo não é cópia directa ou indirecta do primeiro, dada a existência de lacunas no mais antigo, algumas das quais não poderiam certamente ter sido preenchidas por conjectura, como mostram os exemplos seguintes:

[Livro I, Cap. III]²

E asy se fez mui nobre E conheço ell
Rey que elle homem dino (A)

e assy fez hũu muy nobre conuete a ell
rrey ante que filhase terra quando a
primeira vez foy da outra parte de
barbaçote onde teue ordenado de sayr, no
qual o conuidou tam abastadamente e aos
seus, como se esteuese na çidade
seruindo-o e mandando seruir muy
Ricamente com muy Rica copa e baixella e
desta Jda conheço ell rrey que elle era
homẽ digno (B)

[Livro I, Cap. XXXVI]

os corpos daquestes forã logo tyrados a
fora E tanto que os mouros foram (A)

² Os números dos Capítulos do Livro I dados como referência são sempre os do ms. A, devendo subtrair-se duas unidades quando dizem respeito a B e G.

os corpos daquestes foram logo tyrados a
fora mas nom sem grande danno da gente
meuda, porque em querendo tirar hũus,
cayam outros sobre aquelles, outros se
afastauom feridos ataa que os tirarom
fora E tanto que os mouros ficaram (B)

Confirma-se, portanto, a inclusão destes manuscritos em dois grupos diferentes,³ provavelmente em ramos distintos da transmissão, uma vez que não foram assinalados erros comuns que permitam conjecturar a dependência de ambos de um mesmo exemplar.

Realizado este confronto, foram posteriormente seleccionados, de entre todas as variantes anotadas, cerca de 150 lugares, tendo sido considerados os casos em que há: lacunas⁴ (de importância e extensão variáveis); erros evidentes (que se procuraram avaliar da forma mais rigorosa possível, seguindo o critério de adequação ao contexto); lições indiferentes (muito numerosas, pois são as variantes mais frequentes) compreendendo sobretudo variantes de tipo lexical; lições que designei por "piores", isto é, lições que, não podendo ser provadas erros, apresentam relativamente um menor grau de adequação ao contexto (estes dois últimos casos foram apenas considerados para corroborar indícios obtidos a partir da análise das lacunas e erros).

³ Com efeito, pondo-se a hipótese contrária de A, apesar de mais antigo, poder depender de B, ela seria imediatamente infirmada pela mesma razão, como adiante se poderá constatar.

⁴ Optei por distinguir imediatamente "lacuna" de "erro", isto é, erro devido a lacuna, de outros tipos de erros.

A colação dos restantes testemunhos foi então feita, como disse, apenas nos lugares seleccionados, ou seja aqueles que considereí mais importantes de todos os lugares em que há variação entre A e B, de forma a poder eventualmente constatar a sua dependência de um daqueles manuscritos. Este estudo, apesar das limitações que a metodologia seguida impõe e, portanto, não deixando de ter em conta sérias restrições quanto às conclusões que a partir dele se possam formular, permitiu, apesar disso, obter alguns dados sobre a transmissão manuscrita da Crónica.

Em primeiro lugar pude verificar que o manuscrito G, de todos o mais tardio, é seguramente dependente de B, uma vez que reproduz todas as lacunas e erros evidentes daquele testemunho, incluindo a extensa lacuna nos capítulos XXXVII e XXXVIII do Livro II. Com efeito, naquele lugar o texto de G salta pura e simplesmente de um capítulo para outro e a cópia continua como se não houvesse qualquer lacuna, correspondendo este salto (sensivelmente a meio do fol. 173v) exactamente ao que encontramos em B na passagem do fol.209v para o fol.210r, entre os quais faltarão, segundo os cálculos que fiz, 4 folhas, que não foram, portanto, consideradas na actual foliação, obviamente acrescentada após a sua perda. Como no texto em falta se encontraria o início do capítulo XXXVIII, há então em G um acerto da numeração, passando aquele que seria o capítulo XXXIX a XXXVIII, de forma que o último capítulo do códice, cujo texto corresponde ao capítulo XL nos restantes testemunhos, tem o número XXXIX. O manuscrito da Academia das Ciências de

Lisboa é ainda o único dos testemunhos conservados que tem em comum com B, como referi, a numeração dos capítulos do Livro I.

Será ainda lógico supor que C, à partida incluído neste grupo, dado conter também uma cópia do referido "explicit", possa ser também cópia directa ou indirecta de B. Porém, o facto de não ter em comum com este a numeração dos capítulos do Livro I - da descrição dada por Dias Dinis (o.cit., p.227) pode concluir-se que esta é idêntica à de A, e não é feita, por outro lado, qualquer referência a lacunas no Livro II - permite conjecturar que este testemunho não seja dependente de B, o que, a confirmar-se, lhe conferiria um interesse muito particular na tradição manuscrita da Crónica. Ainda a respeito da numeração dos capítulos do Livro I de B, apenas reproduzida, como disse, em G, acrescentarei um aspecto que poderá ter interesse para o estudo da transmissão: logo a partir do capítulo III (V de A) esta numeração é alvo de sucessivas emendas, todas elas posteriores, mas nos capítulos XXXVIII e XXXIX do Livro I é o próprio copista que começa por escrever, respectivamente, XL e XLI, isto é, uma numeração idêntica à de A, que só depois emendou (trata-se no segundo caso de emenda imediata e não posterior). Estas correcções poderão indicar que a numeração de B é talvez inovação deste testemunho, o que explicaria que C a não adopte, na hipótese de ter copiado um manuscrito anterior (talvez o próprio autógrafo de Joam Gonçalves?).

Quanto aos dois manuscritos da Casa Cadaval, D e E, pude constatar que muito provavelmente o segundo copiou o

primeiro, pelo que, não havendo entre ambos qualquer variação significativa nos lugares considerados neste estudo, foram aqui abordados em conjunto, fazendo-se quase sempre referência apenas a E, uma vez que D está muito incompleto.

Passarei agora a expor os resultados obtidos a partir do confronto dos lugares variantes assinalados com os testemunhos E e F.

O testemunho A apresenta lições opostas a lições comuns aos restantes testemunhos considerados (A: BEF) em 41 casos, entre os quais se encontram 8 lacunas e 9 erros evidentes, correspondentes ao total deste tipo de variantes assinalados em A, que não são, portanto, partilhados por qualquer dos testemunhos considerados. A apresenta lições comuns a E opostas às de B e F (AE :BF) em apenas quatro casos, todos eles de variantes indiferentes. Por outro lado apresenta lições comuns a F opostas às de B e E (AF: BE) em 38 casos, que correspondem, ou a variantes indiferentes, ou a lacunas, erros e lições "piores" de BE, isto é, F tem em comum com A, além de variantes indiferentes, apenas lições que podem ser considerada "melhores".

Relativamente às lições de B quando opostas às dos outros testemunhos (B: AEF) foram encontrados 60 casos, entre os quais se encontram 16 lacunas, bem como 22 erros evidentes, que não foram, portanto, reproduzidos em qualquer dos testemunhos, de que darei apenas dois exemplos:

[Livro I, Cap. LVI]

hũa galleota de cartagenia e pediram-lhe
que hos mandase laa o comde dise que lhe
prazia porque lhe pareceo que ho feito
poderia muito melhor vyr a fim e desy
fallou cõ elles e acordarã de se fazer
logo e porque a galleota de cartagena
vinha aberta (AEF)

hũa galleota de cartagena vinha aberta
(B)

[Livro I, Cap. XLVIII]

ora vede que estranha pena todos os dias
serem peregris e suas proprias casas
(AF)

pelemgrins (D)

pelegris (E)

pelejas (B)

Há a considerar ainda os casos em que B apresenta lições comuns a E, a F, ou a ambos (BE:AF, BF:AE, BEF:A) casos em que se encontraram, respectivamente, 5 lacunas e 5 erros em comum com E (além de 15 variantes indiferentes e 14 "piores", num total de 38 variantes) mas nenhum erro ou lacuna em comum com F (B tem apenas 4 variantes indiferentes em comum com F). B lê em comum com E e F (BEF:A) 41 vezes, como já disse, mas em nenhuma delas há lacuna ou erro.

Em face destes resultados parece-me poder desde já apresentar algumas conclusões, naturalmente provisórias, que deverão ser entendidas apenas como hipóteses a confirmar em estudos mais exaustivos da tradição manuscrita da Crónica: nenhum dos testemunhos considerados é cópia directa ou indirecta de A, uma vez que as suas lacunas e erros evidentes não aparecem em qualquer deles, apresentando F um texto relativamente mais próximo daquele testemunho do que E, e também mais próximo dele do que de B (em termos absolutos F tem em comum com A 98 lições e apenas 45 em comum com B). O estudo realizado parece, portanto, mostrar que A não terá entre os testemunhos conhecidos nenhum que dele seja dependente,⁵ o que, tratando-se do mais antigo manuscrito da Crónica, lhe confere uma importância excepcional entre os restantes, isto independentemente do valor crítico do seu texto, que não se pretende aqui avaliar.

Quanto a B, além da sua já referida relação com G (e da sua hipotética relação com C) poderá também concluir-se que nem E, nem F são dele dependentes, o que, aliás, está de acordo com as expectativas iniciais deste estudo. Devem, porém, ser referidas diferenças notórias na forma como B se coloca relativamente àqueles testemunhos, uma vez que, se não possui quaisquer erros em comum com F, E reproduz alguns dos seus erros evidentes e lacunas, como já

⁵ Embora tal se não possa afirmar senão com reservas, visto não ter ainda sido considerado o manuscrito de Madrid (C) que, porém, dados os aspectos já referidos, deve aproximar-se de B e não de A.

referi, que difficilmente poderíamos supor terem origem independente, por exemplo:

[Livro I, Cap. XXXVI]

a quall ao menos ouuerã de queimar por
nãõ dar ajuda aos ymigos contra sy
mesmos (AF)

outro sy mesmo (BE)

[Livro II, Cap. II]

ydolatras [aquelles a que os mouros
amtre sy aviam por santos] (AF)

giblatias (BG)

jeblatras (D)

jablattras (E)

Em termos absolutos E aproxima-se, de facto, mais de B do que de A (81 variantes em comum com B e 64 com A) mas esta diferença não é, no entanto, suficientemente significativa para que se possam tirar conclusões claras sobre esta relação, uma vez que os dados de que disponho são aqui claramente insuficientes. Apenas poderei dizer que os dados obtidos parecem indicar que, se F se aproxima claramente mais de A, E está mais próximo de B, com o qual tem em comum alguns erros e lacunas, não sendo admissível que dele seja cópia directa ou indirecta. Portanto, pode apenas conjecturar-se que, ou tais erros foram cometidos independentemente, o que

não parece muito provável, ou que estariam já num modelo copiado por ambos, talvez antes em exemplares próximos copiados independentemente.

Todas as considerações feitas levam inevitavelmente à conclusão, esta sim clara e desde o início previsível, de terem existido vários outros manuscritos da Crónica do Conde D. Pedro de Meneses hoje perdidos ou ignorados, nalguns casos talvez apenas esquecidos.

Não quero, porém, terminar estes estudo parcelar sem fazer ainda uma referência ao manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa (F), cuja cópia, embora já tardia, apresenta alguns aspectos notáveis. Como disse, este testemunho não parece depender nem de A, nem de B, com os quais não tem erros comuns, mas, ao contrário, na quase totalidade dos lugares variantes considerados (A: B) coincide com A quando há erro em B e, inversamente, segue a lição de B quando A apresenta algum erro.* Isto poderá indicar que provavelmente F teve acesso a um modelo melhor, não identificável com nenhum dos testemunhos conhecidos, mas poderá também pôr-se como hipótese a existência na transmissão que levou a F de alguma forma de contaminação, em que, portanto, F teria tido acesso a vários modelos, dos quais um poderia ser A ou um manuscrito próximo de A. Esta hipótese de contaminação foi-me sugerida por dois lugares em que, havendo divergência entre A e B, F apresenta lacunas, tendo sido deixado o correspondente espaço em branco, dando a impressão de ter

* Esta "escolha" da lição melhor verifica-se também relativamente a quase todas as lições que classifiquei como "piores".

havido, por parte do copista, uma hesitação entre as lições diferentes que não chegou a ser resolvida. Apresentarei aqui o exemplo que me parece mais significativo:

[Livro I, Cap. LXIX]

e ajudou muito a ser aquella couraça
defesa hũas lumpyeyras que estauã açerca do
chão per homde os besteyros tyrauã de
guisa que foram muitos feridos pellos
peitos e pellos ventres (A)

e ajudou muito a ser aquella couraça
defesa os caualleiros que estauom no muro
per que os besteiros tyrauom aos mouros e
os feriam pellos peitos e pellos ventres
(B)

e ajudou muito a ser aquella couraça
defesa [2 linbas em branco] feriam pellos
peitos e pellos ventres (F)

De qualquer forma, confirme-se ou não esta hipótese, F será sempre, em termos do texto transmitido, um importante testemunho, constituindo mais um exemplo de que os códices tardios fornecem muitas vezes dados de grande valor para o estudo da transmissão de textos produzidos em épocas muito anteriores.